



Radiojornalismo e redes sociais na cobertura da tragédia de Santa Maria¹

João Pedro VAN DER SAND²

Vera Lucia Spacil RADDATZ³

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

RESUMO

Este texto pretende discutir a atuação de três emissoras de rádio AM da região noroeste do Rio Grande do Sul na cobertura jornalística em situações de tragédia. O caso em estudo é relativo à tragédia da boate Kiss, em Santa Maria, RS, ocorrido em 27 de janeiro de 2013. O fato mobilizou a imprensa internacional, dado o número de 241 vítimas fatais. Por meio de entrevistas com produtores de programas, repórteres e chefes de redação da Rádio Repórter, Rádio Progresso e Rádio Jornal da Manhã (Ijuí/RS), emissoras que se destacam pela abrangência regional de sua programação e tradição jornalística, procurou-se analisar as estratégias de cobertura em momentos como o da tragédia de Santa Maria, e especialmente observar como as emissoras se utilizaram das redes sociais para realizar a cobertura não só no dia da tragédia, bem como nos dias que se sucederam.

PALAVRAS-CHAVE: Radiojornalismo; Ijuí; Redes Sociais; Tragédia Santa Maria.

1. Introdução

O ano de 2013 está marcado pela maior tragédia da história do Rio Grande do Sul. Santa Maria, localizada no centro do estado, é uma cidade de 262 mil habitantes, uma referência em educação superior nessa região. Conta com várias instituições de ensino superior, com destaque para a UFSM, Universidade Federal de Santa Maria, com aproximadamente 27 mil alunos. Na madrugada do dia 27 de janeiro, a boate Kiss, uma das mais frequentadas pelo público universitário da cidade, foi acometida por um incêndio, deixando 241⁴ mortos, a grande maioria deles, jovens estudantes.

Santa Maria é um polo estadual de educação. Jovens de todo o estado, a cada ano, concorrem a vagas nas universidades santamarienses e se deslocam para estudar e morar na cidade, por este motivo, no episódio da tragédia, a mobilização da imprensa no Rio Grande do Sul foi intensa, em todas as regiões. As proporções do fato foram tão

¹ Trabalho apresentado no II 5 – Rádio, TV e Internet - do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Bolsista Pibic/CNPq do Projeto Fronteiras: a identidade fronteiriça nas ondas do rádio; Acadêmico de Jornalismo da UNIJUI; e mail: jotape91@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UNIJUI; e mail: verar@unijui.edu.br

⁴ Número divulgado no portal de notícias R7. Disponível em: <http://noticias.r7.com/cidades/quase-dois-meses-apos-tragedia-de-santa-maria-rs-policia-civil-deve-concluir-hoje-inquerito-da-boate-kiss-22032013>



grandes que afetaram vários outros municípios, movimentando todos os canais de comunicação, que buscaram veicular informações sobre as vítimas, prestando um serviço de assistência às comunidades envolvidas.

O município de Ijuí, a 180 quilômetros de Santa Maria, também foi afetado pelo incêndio na boate Kiss. Oito jovens da cidade morreram na tragédia, e a comoção na cidade foi geral. Este estudo tem o objetivo de observar a atuação do veículo rádio em Ijuí, analisando a cobertura feita pelas três emissoras AM da cidade, rádios estas, que entre as sete do município, atuam com maior foco no jornalismo. Para tanto, foram entrevistados cinco radialistas que participaram ativamente dessa cobertura.

O interesse por este tema surgiu a partir da curiosidade de cruzar alguns dados já obtidos pelo “Projeto Fronteiras, a identidade fronteiriça nas ondas do rádio”, com a realidade encontrada a partir das entrevistas sobre a tragédia de Santa Maria. Como se sabe, o rádio desempenha, na região noroeste do estado, um papel de suma importância, sendo o principal veículo na cobertura de fatos em tempo real, e uma referência em interação com seu público.

Além de analisar a atuação das rádios de Ijuí no episódio da tragédia de Santa Maria, este artigo também se preocupa com a análise da participação da internet e das redes sociais nessa cobertura. O resultado da pesquisa de campo abriu a possibilidade de explorar as relações que se estabelecem entre o rádio e a internet na cobertura de um fato das proporções de uma tragédia. Este meio vem se mostrando presente e atuante nos mais diversos processos de comunicação atuais, por este motivo parece oportuna uma análise pontual sobre o tema.

O estudo foi desenvolvido com base em entrevistas abertas e semiestruturadas com profissionais de rádio que participaram da cobertura da tragédia de Santa Maria. Essas entrevistas foram realizadas um mês após o ocorrido e transcritas. A partir destes dados, foi realizado um estudo qualitativo, de interpretação dos fatos para a construção deste artigo. Os critérios de análise centraram-se nas rotinas jornalísticas estabelecidas para a cobertura da tragédia em três momentos distintos: a) primeira estratégia a partir do anúncio da tragédia; b) a cobertura da tragédia e a repercussão e utilização das redes sociais no radiojornalismo; c) O acompanhamento da tragédia nos dias seguintes.

Pela razão das rádios AM locais atualizarem o ocorrido diariamente, reestabelecem o vínculo com o ouvinte e aproximam-se da comunidade, como se criassem um laço emocional a partir da dor que é de muitos ouvintes e que toca emocionalmente a todos. Por falar uma linguagem simples e direta, dando voz aos



envolvidos direta ou indiretamente com a tragédia – pais, amigos e autoridades – a rádio encurta as distâncias e oferece a informação atualizada como recurso para a manutenção da experiência informativa-emocional radiofônica.

2. A Presença do Rádio em Ijuí

Ijuí é um município de 79 mil habitantes (IBGE/2011) localizado na região noroeste do Rio Grande do Sul. A cidade é um polo regional de indústria, comércio, saúde e educação. Além destas áreas, Ijuí também se destaca pela produção radiofônica. O município conta com sete emissoras de rádio, sendo três delas AM, e quatro FM, são elas: Rádio Repórter de Ijuí, Rádio Progresso de Ijuí, Rádio Jornal da Manhã, Rádio Iguatemi FM, Rádio Unijuí FM, Rádio Mundial FM e Rádio Fraternidade.

As emissões de rádio iniciam oficialmente em Ijuí em 1950, quando foi fundada a Rádio Sulina, com proprietários de fora da cidade. Essa emissora foi posteriormente comprada pelo grupo Grupo Mânica de Comunicações, mudando seu nome para Rádio Reporter de Ijuí. A presença desta rádio desbancou outro serviço semelhante, muito popular nos anos 40, os alto falantes. Tratava-se de uma espécie de emissora de rádio que fazia suas transmissões através de alto falantes na praça central da cidade.

Por nove anos a rádio Reporter de Ijuí foi a única emissora da cidade, essa hegemonia acabou no ano de 1959, quando foi inaugurada, no dia 19 de Outubro, a Rádio Progresso de Ijuí. Somente na década de 1990 vai surgir a terceira emissora AM da cidade, a Rádio Jornal da Manhã, de propriedade do grupo Jornal da Manhã. Estas três rádios, são até os dias de hoje, as emissoras que melhor representam o radiojornalismo na cidade, e que incorporam a notícia local como elemento principal de sua programação.

3. O Rádio e sua função local

Assim como o rádio, outros veículos de comunicação foram se estruturando ao longo da história da cidade. Os jornais adotaram um modo de produção mais industrial, a TV chegou e passou a cobrir as principais notícias locais, e mais recentemente, a internet se popularizou. Ijuí conta com dois portais de notícias bastante ativos, e a



cidade oferece conexão sem fio gratuita em alguns pontos. Entretanto, assim como em vários municípios da região, o rádio ainda assume uma posição importante e exclusiva no ambiente da comunicação.

A televisão traz notícias locais em determinados horários, com uma linguagem em constante adaptação e imagens cada vez mais definidas. A internet proporcionou convergência de texto, fotos e vídeo, com informações atualizadas a qualquer hora do dia. Ao passo da evolução tecnológica e das mudanças no mercado, os veículos vão se adequando às circunstâncias e redefinindo seu papel na função de comunicar.

Embora o rádio brasileiro tenha vivido dias de glória nas décadas de 1940 e 1950, a divisão de espaço com outros veículos fez com que, os programas de auditório, as grandes vozes e a pompa das estrelas de rádio, fossem substituídas por outro tipo de programação. Hoje o rádio representa, em cidades como Ijuí, o meio de comunicação mais rápido e mais procurado tratando-se de notícias locais. Mesmo com a presença globalizante da internet, o rádio, principalmente o AM, ainda traduz o cotidiano e as principais preocupações do dia a dia da realidade dos ouvintes em regiões do interior do estado, como é o caso de Ijuí. E o faz com credibilidade, porque existe um laço de confiança muito forte entre os ouvintes e as emissoras. Em comunidades como Ijuí, o público ouvinte conhece os produtores da informação, interage com eles e contribui para a produção da notícia, informando o que sabe, fornecendo pistas ou informações que possam ajudar a formular a notícia. O ouvinte parece ser muitas vezes o “amigo” do locutor. Se sabe de algo, não hesita em ligar para a rádio e informar o que sabe. Esta relação estreita e próxima ajuda a manter a confiabilidade e a fidelidade de audiência, tão escassa hoje em dia, pela pluralidade de canais disponíveis e facilidade de mudar a frequência no dial. O rádio, por meio das coberturas jornalísticas locais, ganha créditos e incide sobremaneira na vida das pessoas, como o veículo que realiza coberturas ao vivo com agilidade e precisão:

O rádio é cada vez mais local, apesar de estar integrado à era digital, onde as informações percorrem o mundo em segundos via internet. Justamente porque é um veículo muito próximo das comunidades em que está inserido, torna-se um meio que prioriza pautas do lugar e evidencia as ações do cotidiano. Os principais interesses dos ouvintes de rádio estão no lugar aonde vivem e isso é determinante para quem pensa diariamente as pautas dos programas jornalísticos, porque precisa dar conta desse universo, que nem sempre os outros meios se ocupam de fazê-lo (RADDATZ, 2011, p. 3).



No caso da tragédia de Santa Maria, o rádio foi um veículo de referência para a população. Mais do que representar o veículo local de maior agilidade e alcance, o rádio também demonstrou outra característica preponderante de sua presença local, a interatividade. Juntamente com a internet, que nessa oportunidade mostrou-se como um canal de comunicação muito participada, o rádio atuou como mediador para muitas informações que chegavam às emissoras por telefone e pela própria web. A participação do público nas coberturas, e a força que a internet dá a esse processo também são pontos de interesse para a pesquisa.

4. A cobertura da tragédia.

A análise da cobertura da tragédia é construída neste estudo a partir de três pontos, que vão desde a informação de que o incêndio ocorreu, depois, a cobertura e, por último, o acompanhamento durante os dias subsequentes.

O ponto inicial a se observar no método de trabalho das rádios é a primeira atitude das emissoras quando foram informadas sobre o fato. As emissoras, Repórter e Progresso, viveram uma situação parecida na manhã do dia 27 de janeiro de 2013. As rádios estavam deslocando equipes para a cobertura de uma rodada do campeonato gaúcho de futebol, a partida seria entre o São Luiz de Ijuí e o Pelotas, em Pelotas. As entrevistas com os radialistas que lideraram o jornalismo nas três rádios, neste dia, revelam que a primeira atitude em todas as emissoras foi a mesma, ou seja, checar as informações recebidas e assimilar a dimensão da tragédia. As rádios de Ijuí trabalham em cadeia com as rádios Guaíba e Gaúcha, de Porto Alegre. A escuta das “cabeças de rede” foi uma escolha para que as emissoras locais pudessem ter uma melhor dimensão dos fatos.

Por consequência do incêndio em Santa Maria, a rodada de jogos do Campeonato Gaúcho de Futebol foi cancelada. Ao receber essas notícias, as equipes das rádios Progresso e Repórter que estavam viajando para Pelotas, receberam instruções diferentes. Santa Maria fica no caminho entre Ijuí e Pelotas. A coordenação de jornalismo da Progresso decidiu que seus repórteres em trânsito deveriam se dirigir a Santa Maria e fazer a cobertura da tragédia *in loco*, a rádio chegou antes das emissoras da capital. Por outro lado, a Repórter que conta com uma relação de profissionais reduzida, definiu que deveria concentrar a cobertura da tragédia em nível local, deixando que as informações de Santa Maria ficassem a cargo da rádio Imembuí, que assim como a Repórter, trabalha em cadeia com a rádio Guaíba de Porto Alegre.



Achamos que estava muito bem feita aquela cobertura já de manhã da Imembuí, e como a rádio Repórter é parceira, faz parte da rede da Guaíba, nós imaginamos que com a Guaíba e com a Imembuí, nós cobriríamos o macro. E nós aqui conseguiríamos nos contatos telefônicos com familiares, dar conta do drama dessa situação toda vivida por pessoas do município e da região. (BERGER⁵, 2013).

Depois que a dimensão da tragédia foi assimilada na imprensa, e as rádios já designaram seus profissionais para a cobertura, a tarefa foi trabalhar as consequências do fato a nível local. Todas as emissoras agiram dessa maneira, mesmo a Progresso, que contava com repórteres no local da tragédia e com profissionais de retaguarda dentro da redação. Alessandro Heck⁶ (2013) explica sobre o trabalho da rádio e relaciona com uma cobertura de eleições:

Foi mais ou menos assim, muito parecido com o que acontece em uma cobertura de eleições, quando envolve grande parte da equipe. Nós tínhamos quatro pessoas lá em Santa Maria. Aqui dentro em termos de jornalismo nós tínhamos três jornalistas envolvidos diretamente, o Claiton Miná, o Jonas Vieira e o Tiago Ávila, mais os dois ou três comunicadores do horário, que foram se revezando lá dentro do estúdio. Sem contar o pessoal do apoio, que era parte da recepção, telefonia (...) Aí fazendo uma conta rápida era em torno de 20 pessoas, com certeza, que participaram. Por que começou devagarzinho às cinco ou seis da manhã e se estendeu até a meia noite quando começaram a chegar aqui em Ijuí, os corpos das pessoas falecidas.

Durante todo o domingo, as rádios tentaram apurar a situação das vítimas de Ijuí. Algumas custaram a ser encontradas, ou ficaram feridas. Neste trabalho as rádios contaram com a participação massiva da audiência, que, como de costume, participa ativamente das coberturas jornalísticas, pedindo e fornecendo informações. Alessandro Heck, da rádio Progresso, quando fala sobre os profissionais envolvidos na cobertura, destaca a presença dos recepcionistas e telefonistas que atenderam, durante todo o dia, pessoas que forneciam e pediam informações sobre o acontecimento.

A cobertura da tragédia de Santa Maria prossegue, mesmo depois do sucedido, já que o impacto do ocorrido ainda não passou, e as resoluções legais do fato ainda estão ocorrendo. Apesar disso, todos os entrevistados neste estudo afirmam que a cobertura continuou de forma intensa por cerca de cinco dias. Neste período as rádios tiveram a preocupação de abordar o fato no contexto local, e também de prestar apoio

⁵ Entrevista pessoal concedida em fevereiro de 2013

⁶ Entrevista pessoal concedida em fevereiro de 2013



aos cidadãos envolvidos. Luis Henrique Berger (2013), da rádio Repórter comenta sobre os dias posteriores ao incêndio na boate Kiss:

Respeitamos nos dias seguintes as famílias. Não fizemos esse contato. Ouvimos religiosos sobre que tipo de apoio podia ser dado, autoridades da área aqui, local, da segurança pública, por exemplo o comandante do comando regional de bombeiros, já na segunda feira, para avaliar isso. E também buscamos repercutir os espaços do município semelhantes ao que era oferecido lá em Santa Maria, e de que forma estava aqui adequados ou adaptados, assim como também a administração municipal.

Por parte da rádio Jornal da Manhã, a preocupação esteve em saber a situação das vítimas feridas, como estavam sendo tratadas em um “contato direto com as pessoas e as famílias”, conforme declarou Marizandra Rutili⁷ (2013), jornalista. Já a rádio Progresso procurou as fontes oficiais e o dono de uma casa noturna de Ijuí para a realização de um debate sobre a situação da cidade em relação à situação das casas noturnas de Ijuí após a tragédia, conforme relata o locutor Leandro Heck⁸(2013).

Nós fizemos um debate sobre a situação aqui de Ijuí, claro que a gente acaba falando da situação como um todo. Nós trouxemos aqui o vice-prefeito, que era o prefeito em exercício, um especialista em segurança de ambientes, o comandante do corpo de bombeiros e o proprietário de uma casa noturna. Fizemos um debate com participação dos ouvintes, falando sobre a questão legal, como é a lei, o que está sendo aplicado, como está sendo verificado, como pode ser melhorado.

Passado o período mais crítico, as rádios se mantiveram acompanhando os fatos sobre a tragédia de forma menos intensa. O ponto de maior interesse público é o julgamento dos responsáveis pelo desastre, que deve se estender por período indeterminado.

5. Redes sociais e Jornalismo

A discussão sobre as coberturas jornalísticas é sempre uma oportunidade para contextualizar as tecnologias que vem sendo utilizadas pela imprensa. O episódio de uma tragédia é um momento em que se pode analisar a relação entre os meios de comunicação atuando em uma situação limítrofe e pontual. Por tanto, neste estudo,

⁷ Entrevista concedida em fevereiro de 2013.

⁸ Entrevista concedida em fevereiro de 2013



dedicamos uma parte especialmente para discutir o uso das redes sociais na cobertura da tragédia na boate Kiss, dentro, é claro, do recorte utilizado, as rádios AM de Ijuí.

Muito antes do surgimento e da popularização da internet, o termo redes sociais já era utilizado em diversas áreas do conhecimento como uma metáfora dos relacionamentos humanos. Trata-se da comparação entre o padrão dos nós de uma rede, com as relações sociais que mantemos em nossas vidas. A popularização da internet e os relacionamentos virtuais, permitiu que essas redes sociais pudessem ser melhor visualizadas e estudadas. Segundo a pesquisadora do assunto Raquel Requero (2009, p.2) as “Redes sociais são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões”.

O senso comum confunde o termo “rede social” com “sites de rede social”. O que estes sites, como Facebook, Twitter, e LinkedIn fazem é comportar diversas redes sociais, eles são as plataformas que possibilitam e mediam milhares de conexões e interações entre estes atores sociais. O perfil de uma pessoa, ou uma empresa, é o ator social, que dentro destes sites vai interagir com os demais atores conectados a ele. Estes sites são novos “espaços públicos mediados”, e representam “ambientes onde as pessoas podem reunir-se publicamente através da mediação da tecnologia” (BOYD Apud RECUERO, 2009, p. 3).

Ainda sobre as características das redes sociais, BOYD destaca quatro características próprias das redes sociais na internet, que as diferenciam das demais, e influenciam nas formas como essa mediação entre as conexões acontece. A persistência é a capacidade que as redes tem de armazenar as mensagens, todas as informações publicadas podem permanecer no sistema por tempo indeterminado. A capacidade de busca refere-se à possibilidade de se rastrear atores e mensagens dentro das redes. Outra característica é a replicabilidade, nas redes tudo que é dito pode ser repetido, sendo difícil determinar a autoria de determinadas mensagens. E por fim, há a característica das audiências invisíveis, já que há a possibilidade de se consumir as informações sem criar interações sobre elas.

Por ocorrência da popularidade destes sites de redes sociais, é difícil encontrar organizações comerciais que não estejam conectadas às redes. Por representar um lugar onde ocorre intenso relacionamento social, a quantidade de informação disponível



nestes espaços é imensa. As marcas se aproveitam disso para estar junto aos consumidores em potencial, divulgando seus produtos, publicando mensagens e gerenciando sua imagem dentro das redes virtuais.

Os jornais não tardaram a entrar no ambiente virtual, e de atuar também em redes sociais como Twitter, Facebook e, é claro, seus portais de notícias próprios, que de alguma maneira geram interação com os usuários. O uso que os meios de comunicação fazem da internet, não se restringe, porém, à disseminação de notícias. Raquel RECUERO (2009, p.7), elege três tipos de relações que estes meios estabelecem com os demais usuários dentro das redes sociais virtuais, são eles: “a) redes sociais como fontes produtoras de informação; b) redes sociais como filtros de informações ou, como c) redes sociais espaços de reverberação dessas informações”.

5.1. O uso da internet na cobertura da tragédia

As entrevistas com os radialistas de Ijuí que participaram da cobertura da tragédia da boate Kiss, revelou realidades interessantes e díspares sobre o assunto. Todos os entrevistados foram questionados diretamente sobre o assunto, e expuseram, de forma aberta, o uso das redes sociais por parte das emissoras no episódio em questão.

Na rádio Jornal da Manhã, a radialista Marizandra Rutili (2013) expõe a importância que o uso das redes sociais virtuais teve na cobertura:

A rede social foi fundamental, por que ela te dá informação em primeira mão, e cabe a ti fazer essa averiguação das informações, se elas são verídicas ou não. Por que ela tem justamente isso da instantaneidade, a rede social hoje é fundamental nesse sentido (...). Por que querendo ou não, a rede social faz com que todo mundo esteja lá, e você tem um contato, o mesmo contato que você tem no dia-a-dia com as fontes. Esse contato se transfere para a internet para as redes sociais Cabe a averiguação ou não da situação, até que ponto é verídico ou não.

Como podemos observar pelo trecho acima, a radialista define como “fundamental” a presença das redes sociais em seu trabalho, e aproxima muito o contato virtual do contato que se tem com as fontes no dia-a-dia. Vale também ressaltar como ela reforça a necessidade de averiguação da veracidade dos fatos. Ela ainda destaca a



velocidade das informações. RECUERO (2009) revela que informações em primeira mão são geradoras de capital social nas redes sociais. A novidade da informação é uma característica que se reflete em capital social nas redes sociais, “Publicar informações novas, que ainda não estejam circulando na rede é um valor para esses grupos e apela ao capital social que é construído no grupo”. Não é necessário dizer que são, justamente, essas informações inéditas que mais interessam aos meios de comunicação.

Na rádio Progresso, que conta com uma equipe maior, foi constatado também o uso dessa ferramenta para a realização da cobertura. O coordenador de jornalismo Alessandro Heck (2013) explica que na manhã do dia 27, um dos profissionais da redação foi designado exclusivamente para monitorar as informações que circulavam na internet. Além de ressaltar a importância que as redes tiveram na tragédia, ele ainda cita o agendamento de pautas através das redes sociais:

A gente tem deixado bem aberto pros nossos ouvintes o Twitter e Facebook. E nós recebemos muita informação, claro que aí tem que filtrar muita coisa, né. Mas vou te citar um exemplo. Uma das entrevistas que a gente fez foi por meio de um contato do facebook, uma moça que estava na casa noturna, que nós notamos aqui no facebook da rádio e fizemos contato com ela. A partir do contato no facebook, nós entramos em contato pra trazer a voz dela aqui no ar, pra trazer o relato dela, uma pessoa que tinha estado lá na noite.

No relato de Alessandro Heck, vemos um exemplo onde a rede social pautou a rádio para uma entrevista. Além disso, ele reforça a necessidade de uma apuração cuidadosa das informações que circulam na rede. Keller Steiglich⁹, que ficou responsável por monitorar as redes sociais da rádio Progresso no dia da tragédia, ressalta que houve “muitas informações desencontradas”. Quando questionado sobre sua atitude frente a essas informações Keller destaca que as avaliou por comparação, quando uma informação circulava em mais de um meio, transmitia mais credibilidade.

O radialista chama a atenção para outra função importante desempenhada pelas redes sociais durante a cobertura:

A contribuição acho que foi ver a solidariedade das pessoas, uma para a outra. É como um se cobrava do outro essa questão de tu se doar, de tu fazer alguma coisa para ajudar o outro. Contribuição também por que muita gente foi encontrada pelos familiares por meio das redes sociais (KELLER, 2013).

⁹ Entrevista concedida em 28/02/2013

Na mesma entrevista, Keller Steiglich destaca os pedidos por doações que surgiram nas redes sociais no dia da tragédia. As pessoas tentavam mobilizar suas redes de amigos, pedindo por doações de sangue, medicamentos, entre outros itens. É pertinente observar que esta característica de mobilização “comunitária” é também uma característica muito forte do rádio, que encontra agora na internet, outro meio para disseminar essas informações.

A realidade que destoa das demais, dentro do contexto pesquisado, é a da rádio Repórter. O radialista Luis Henrique Berger, responsável pelo jornalismo no dia da tragédia, conta que a rádio utilizou com muita cautela a internet e as redes sociais, preocupando-se com a precisão dos fatos. Segundo Berger, a apuração dos fatos foi mais importante que o anseio por um furo jornalístico:

Não utilizou. Postou notícia na internet mais tarde. Mas não, e intencionalmente, não fez manchete em facebook: “Encontrado o corpo de moço tal”. Era uma comoção muito grande. A gente tava ali no ar, na rádio, focado naquele trabalho e direcionado a informar de forma mais correta possível evitando qualquer tipo de disputa com outra emissora para dar primeiro essa ou aquela informação (BERGER, 2013).

Neste trecho, Luis Henrique Berger faz referência a um erro que a concorrência de sua rádio cometeu na tarde do dia 28 de janeiro, quando divulgou no Facebook que um ijuiense desaparecido teria sido encontrado.



Por tratar-se de um momento de muita tensão, para muitas pessoas da cidade, essa postagem percorreu a rede social e diversos usuários comentaram sobre o fato em suas páginas. Momentos depois, a rádio se retratou, corrigindo a informação.



 **Rádio Progresso de Ijuí - AM690**
27 de janeiro

ATENÇÃO! Nilson Rigoli, irmão do Marcos Rigoli, disse na RPI que Marcos Tinha sido encontrado... (continua)

Curtir · Comentar · Compartilhar

 1  2

 **Rádio Progresso de Ijuí - AM690**
27 de janeiro

...Porém, a esposa do Marcos, que está com os pais dele em Sta Maria, desmentiu a informação! Infelizmente, seguem as buscas

Curtir · Comentar · Compartilhar

Vale ressaltar, que neste caso, especificamente, a rádio utilizou as redes sociais para repercutir a informação, e não para captá-la. Como se pode perceber, a informação veio do irmão da vítima. Neste caso, a agilidade e a liquidez da informação publicada em uma rede social, amplificou o alcance de uma informação errada não apurada pela rádio. Luis Henrique Berguer, explica que é orientação da direção da rádio Reporter não brigar pelo furo jornalístico, segundo ele, para a diretoria da rádio “Não tem problema se der depois a notícia”.

Luis Henrique (2013) explica que “acompanhava, mas não postava, por que estava muito conturbado aquilo”, referindo-se ao número de informações desencontradas na rede, salientando para o cuidado que se deve ter na hora de divulgar uma informação.

Portanto, observa-se que uma cobertura radiofônica de grande porte pode representar uma oportunidade de as rádios exercitarem todos os mecanismos e estratégias disponíveis hoje para captar ou difundir a informação. Cabe a cada uma, em razão da estrutura disponível e da linha jornalística, optar por esta ou aquela estratégia. É inegável, também, que em tempos de internet e redes sociais, as informações circulam com maior facilidade e rapidez. Se até o advento da rede as rádios eram os meios mais ágeis para informar, hoje elas podem usufruir desse serviço, conscientes porém de que os conteúdos que por ali circulam são passíveis de comprovação. De qualquer forma,



ultrapassam os limites do rádio e se juntam à gama de instrumentos que hoje servem ao radiojornalismo.

Considerações Finais

O trabalho dos meios de comunicação deve ser estudado no dia-a-dia dos veículos. Para melhor compreender como estão sendo pensadas as rotinas de trabalho e as prioridades jornalísticas da imprensa, é necessário compreender como ocorre o trabalho dentro das redações. Por outro lado, este estudo buscou um episódio bastante específico, e até mesmo extraordinário, para verificar o modo de atuação das emissoras de Ijuí em uma situação limite.

O método de entrevistas abertas possibilitou um olhar abrangente sobre as emissoras, procurando não direcionar as respostas dos entrevistados, buscando compreender as especificidades de cada emissora para saber como o trabalho aconteceu. Mesmo tratando-se de emissoras diferentes, com condições de estrutura diversas entre si, pudemos observar que as preocupações dos radialistas foram basicamente as mesmas.

Embora uma das emissoras tenha enviado repórteres ao local, o “passo a passo” da cobertura, para todas foi bastante semelhante. A preocupação básica entre as emissoras foi dar conta da repercussão da tragédia a nível local, o que demonstra como as rádios AM de Ijuí estão comprometidas com essa questão e assumem este caráter local, que cada vez se mostra característico do veículo rádio.

No que diz respeito ao uso das redes sociais no radiojornalismo, apurou-se que muito se discute sobre o modo como a internet vai interferir na produção de notícia nos diferentes meios. Analisar essa “interferência” em um período de tempo tão específico quanto à cobertura de uma tragédia mostrou, por parte das emissoras, uma tomada de decisão bastante eficiente. O trabalho intensificado dos meios de comunicação, virtuais ou não, neste período, ofereceu bons subsídios para a análise da produção da notícia em tempos de web e redes sociais. Com o apoio teórico de estudiosos como Raquel Recuero, foi possível fazer uma leitura ainda mais embasada dos fatos.

Embora, em regiões de interior, como Ijuí, em que o rádio se comporta como um agente imprescindível de informação, as redes sociais estão definitivamente



incorporadas às rotinas do rádio, mesmo que em graus diferentes, interagindo intensamente com a produção de rádio. Embora não se possa dizer que representem canais de produção de jornalismo, elas complementam o trabalho do jornalista que precisa, cada vez mais, estar atento à qualidade da informação que publica. O estudo das redes sociais tornou-se indispensável para qualquer profissional que pretende trabalhar, de forma completa e competente, a produção da notícia.

REFERÊNCIAS

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Radiojornalismo em emissoras de fronteira**. XI Seminário Internacional da Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS. Porto Alegre: PUCRS, 2011.

RECUERO, R. Redes sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para Discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, p. 1-269.

ENTREVISTAS REALIZADAS

BERGER, L. H. **Entrevista pessoal**. Rádio Repórter de Ijuí. Ijuí, 28 De fevereiro de 2013.

FRANTZ A. **Entrevista pessoal**. Rádio Jornal da Manhã. Ijuí, 25 De fevereiro de 2013.

HECK, A. **Entrevista pessoal**. Rádio Progresso de Ijuí. Ijuí, 25 de fevereiro de 2013.

RUTILLI, M. **Entrevista pessoal**. Rádio Jornal da Manhã. Ijuí, 25 De fevereiro de 2013.

STEIGLICH, K. **Entrevista pessoal**. Rádio Jornal da Manhã. Ijuí, 28 de Fevereiro de 2013.